

Análise do Gestor I Cenário

Junho trouxe ventos mais calmos aos mercados. A volatilidade dos principais ativos abrandou no período, com destaque para a queda do preço do petróleo que traz sinais de um ambiente bem mais tranquilo. O fato de o fluxo de óleo aparentemente estar fluindo pelo estreito de Ormuz é um grande ponto de alívio. Independentemente de tiros e retórica entre as partes, o que o mercado quer ver é fluxo para que se dissipem as preocupações acerca dos impactos inflacionários, trazendo, assim, menor tensão para os Bancos Centrais globais.

Diante desse cenário, tivemos as decisões de juros do BC e do Fed, ambas rigorosamente dentro do esperado. No caso dos EUA, foi a primeira reunião capitaneada por Warsh, que decidiu pela manutenção da taxa, mas mandando alertas *hawkish*. A combinação do quadro mais *soft* no óleo com um Fed mais vigilante foi suficiente para que os mercados confiassem na manutenção das taxas, eliminando as altas esperadas para esse ano. Já no caso brasileiro, o BC seguiu à risca o *script* da reunião anterior, com um corte de 0,25% e indicações de um possível novo corte de 0,25% na próxima e levando a Selic para a casa de 14% a.a., empreendendo um breve ciclo de 100bps em ano eleitoral. Isso parece, de fato, ser o possível à luz do cenário atual. Vale pontuar que o juro real ainda trabalhará em patamar bastante restritivo, rodando a casa de 8% ex-ante de acordo com o relatório Focus, o que confirma claramente a leitura de um elevado prêmio fiscal embutido nessa precificação. Porém, o desdobramento do quadro eleitoral em outubro poderá ter um efeito relevante sobre esse mau equilíbrio atual, visto que a eleição pode trazer novo foco à política fiscal, com implicações de alto impacto tanto para taxa Selic quanto, principalmente, para o mercado acionário local.

Já na arena tecnológica, o mês foi bastante agitado com o IPO de SpaceX, o maior da história dos mercados. O evento evidenciou a dicotomia, já comentada nesse espaço, entre o apetite e o *hype* pelas pautas da IA e os medos dos efeitos da guerra no panorama inflacionário global e as eventuais reações por parte dos BCs. Diante desse quadro, passamos também a observar maiores discrepâncias entre os mercados emergentes, onde se verificam diferenças importantes de desempenho entre asiáticos e latinos, conforme o grau de elasticidade ao ciclo *tech*.

Apesar dessa ressalva, a América Latina passa por uma importante onda de reposicionamento político com os desfechos das eleições de Peru e Colômbia caindo para direita. Apesar de resultados apertados, essa onda azul que vem se sobrepondo às manchas vermelhas observadas no continente ganha cada vez mais corpo após as vitórias também verificadas tempos atrás em Argentina e Chile. Dessa forma, fica faltando apenas a eleição do Brasil para selar de vez o destino do continente. Poderemos estar diante de políticas públicas mais responsáveis e agendas econômicas mais *pro business*, que podem se juntar a um ambiente de grande revisão da configuração da geopolítica global, trazendo potencialmente grandes oportunidades para a região.

O mundo passa por um período de transformação acelerada e há ainda impactos futuros muito profundos por vir desse processo. Isso afetará sensivelmente os mercados laborais ao redor do globo e, em sintonia com isso, é de se esperar que num mundo mais ágil e produtivo com base nessas novas ferramentas também ocorram grandes alterações nas cadeias globais de suprimento e no mapa da geoeconomia energética. Como nos mostrou a recente guerra no Oriente Médio, essas pautas precisarão passar por uma fase de grande revisão, seja do ponto de vista geográfico, para o mundo não ficar novamente estrangulado por Ormuz, seja do ponto de vista de fontes energéticas, onde nesses tempos de mega data centers e carros autônomos elétricos, cada vez mais a diversificação e a estabilidade das fontes será um tema de enorme relevância para os mercados. Aqui é que está a grande oportunidade para o Brasil a depender das agendas e políticas públicas que emerjam da próxima eleição em outubro.

Crédito Privado

	Mês	Ano	6 Meses	12 meses	24 meses	Desde o início	Data de Início	PL	PL Médio 12 meses
Tagus Top II FIF RF	1,31%	6,91%	6,91%	9,59%	23,33%	264,04%	28/09/2012	67.968.007,78	104.745.144,96
% CDI	116,75%	100,96%	101,00%	64,87%	81,25%	101,64%			
Tagus Icatu Previdência FIF RF	1,21%	7,29%	7,29%	9,51%	23,26%	36,27%	29/09/2023	69.216.168,43	126.181.962,71
% CDI	108,01%	106,46%	106,50%	64,37%	80,99%	92,34%			

Fonte e elaboração: Tagus

Os fundos de crédito performaram bem no mês. O índice IDA Anbima DI teve valorização de 1,23% no período mostrando alguma tração no mercado de crédito. Parte disso deve-se a uma leitura de Selic mais alta por mais tempo, onde, conforme comentado acima, a projeção atual é de mais uma queda para perto de 14% a.a. seguida de uma longa pausa no ciclo. Dessa forma, retoma-se maior atratividade nesse segmento de produto. A isso, superada a onda de eventos de crédito ocorrida ano passado, se juntará uma leitura mais positiva dos balanços corporativos, onde seguimos com expectativas de crescimento de lucros das empresas listadas ainda na casa de 10 a 15% a.a. para 2026, o que num ambiente de juro um pouco mais relaxado pode ajudar na composição de balanços mais saudáveis para a virada do ano.

Uma importante novidade que merece destaque nesse mês é o avanço regulatório/operacional da modalidade de *short* (operação vendida a descoberto) no segmento de crédito capitaneada conjuntamente por Anbima e B3. Além de modernizar o mercado local e deixá-lo mais adaptado aos padrões internacionais, também deve colaborar sensivelmente para melhora da liquidez do secundário e trazer mais confiança na eficiência e transparência da formação de preço dos ativos de dívida.

Renda Variável

	Mês	Ano	6 Meses	12 meses	24 meses	Desde o início	Data de Início	PL	PL Médio 12 meses
Tagus Fundamental FIA	-5,84%	-11,23%	-11,23%	2,47%	47,30%	95,57%	10/02/2011	6.459.495,87	7.564.503,47
Dif. Ibovespa	-4,83	-18,00	-18,00	-21,42	8,46	-70,81			
Dif. Small Caps	-3,13	-7,26	-7,26	3,43	35,34	23,63			

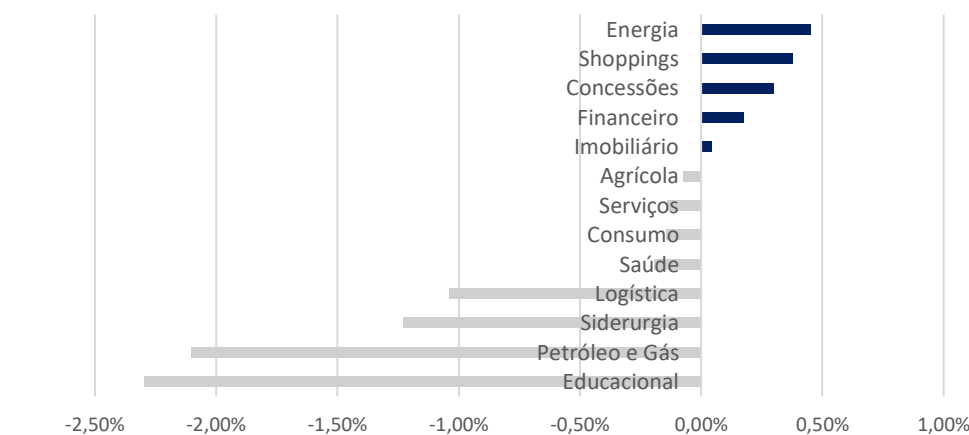
Fonte e elaboração: Tagus

No mercado acionário o quadro foi mais duro, com queda do Ibovespa de 1,01% no período. Essa queda é, em boa medida, explicada pela forte desvalorização de Petrobras no período (-8,48%) à luz da correção dos preços do petróleo com o abrandamento das tensões da guerra, mas também pelo mau humor relacionado à leitura de uma Selic mais alta por mais tempo junto a um panorama eleitoral mais adverso para os candidatos de direita. Flavio Bolsonaro ainda sofre impactos do seu vínculo com o escândalo do Banco Master. Mesmo que o escândalo já tenha se espalhado na direção do PT, com propinas e apartamentos vinculados a Jaques Wagner, ainda não houve abalos à candidatura de Lula.

Nos parece que os mercados, por vários diferentes indicadores, dão conta de uma elevadíssima precificação do risco Lula nos ativos, seja pelo grotesco nível das taxas reais nas NTN-Bs, seja pela precificação das estatais em Bolsa: Banco do Brasil negociando a 0,60 P/BV e Petrobras com desconto de múltiplo para PRIO. Esses pontos denotam mercados pouco confiantes numa virada à direita a despeito dos ventos que tem batido em LATAM. Porém, para nós, parece que o pleito será mais duro para Lula do que indicam os preços atuais.

No mês, tivemos como destaques positivos os segmentos de Energia e Malls. No terreno negativo, figuraram os setores de Educação e Logística.

Desempenho Setorial Tagus Fundamental FIA – Junho 2026



Fonte e elaboração: Tagus

Índices de Mercado	Mês	Ano	6 meses	12 meses	24 meses
CDI	1,12%	6,85%	6,84%	14,78%	28,72%
Ibovespa	-1,02%	6,76%	6,76%	23,89%	38,83%
Small Caps	-2,71%	-3,98%	-3,98%	-0,96%	11,95%

Fonte: B3

RELAÇÃO COM INVESTIDORES

Tel. 21 3439-9814
comercial@tagusinvestimentos.com.br

Paulo Levy
paulo.levy@tagusinvestimentos.com.br

Julia Sabina
julia.sabina@tagusinvestimentos.com.br

EQUIPE GESTÃO

Regis Abreu
regis.abreu@tagusinvestimentos.com.br

Marcelo Costa
marcelo.costa@tagusinvestimentos.com.br

Ricardo Peixinho
ricardo.peixinho@tagusinvestimentos.com.br

RISCO E COMPLIANCE

Marcos Araujo
marcos.araujo@tagusinvestimentos.com.br

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO



*Todos os fundos possuem cota de fechamento. As rentabilidades apresentadas consideram como data de referência 30/06/2026. As informações aqui contidas têm o caráter meramente informativo e não representam recomendação e/ou aconselhamento de investimento pois não consideram objetivos, situação financeira ou necessidade particular de qualquer destinatário específico, não devendo servir como única fonte de informações no processo decisório do investidor. Recomendamos a leitura do regulamento, da lâmina de informações essenciais e dos demais documentos do fundo. FUNDOS DE INVESTIMENTO NÃO CONTAM COM A GARANTIA DO ADMINISTRADOR, DO GESTOR, DE QUALQUER MECANISMO DE SEGURO OU FUNDO GARANTIDOR DE CRÉDITO - FGC. LEIA A LÂMINA DE INFORMAÇÕES ESSENCIAIS E O REGULAMENTO ANTES DE INVESTIR. RENTABILIDADE PASSADA NÃO REPRESENTA GARANTIA DE RENTABILIDADE FUTURA. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Não há garantia de que este fundo terá o tratamento tributário para fundos de longo prazo. Administradora: BTG Pactual Serviços Financeiros S.A. DTVM. CNPJ: 59.281.253/0001-23 Praia de Botafogo, 501 Rio de Janeiro - RJ - Brasil Telefone: +55 21 3262 9600 Telefone: 0800 7722 827 E-mail: sac@btgpactual.com.